ARTIGOS

PSICOMOTRICIDADE E A INDISCIPLINA COMO PARADIGMA NA VIDA ESCOLAR

ADEMILSON CERQUEIRA DE JESUS

RESUMO

A Indisciplina é um paradigma na vida escolar, e faz parte do ensino em todos os ciclos, mas no ensino fundamental I e II a incidência de indisciplina atua como forma didática, e é um recurso a mais, que os estudantes usam na vida escolar, pois os distanciam do ato de aprender, e está mesma indisciplina não permite que o professor possa retransmitir conhecimentos. Pois a cada momento que se perde em pensar onde e quando devemos quebrar este paradigma, outros ficam cerceados de formação e aprendizado. Entretanto, apesar dos paradigmas enfrentados por todos e independente das formas que se ensinam todos não são iguais e cada um aprende à sua maneira e a seu tempo, uma vez que o ensino é plural e os alunos não são homogêneos. Entretanto, quando analisamos o contexto em que as crianças deste país e desse século XX estão inseridas em diversidades; como a social, a econômica, a cultural e que nós professores, estamos no centro deste processo submetido todo dia a pressões e exigências diversas, e também ao mesmo tempo o dever e o privilégio de termos um olhar analítico sobre várias perspectivas, além das inúmeras reflexões, sobre o local, as condições de vida destas famílias, e principalmente destas crianças, pois todas elas estão cercadas pela constante instabilidade psicomotora (impulsividade, desatenção, hiperatividade, agitação, etc.) e que se caracterizam hoje uma grande percentagem da população escolar isso (segundo algumas fontes, 50% de casos nas consultas de psiquiatria infantil) refletindo assim as disposições mentais e os estados afetivos que muitas crianças e jovens se encontram devido à convivência em sociedades agitadas. Nota-se, e partindo desta premissa os desafios são diversos, por vezes bem mais complicados do que equações matemáticas ou qualquer enunciado de língua portuguesa. Analisam-se aqui temas que permeiam os atores envolvidos e os transtornos psicomotores que tendem a influenciar na luz de construção do currículo na educação infantil. E, Wallon (1973), já no seu tempo, sugere que se repense o espaço e o tempo escolares (neste aspecto particular, já há uma perspectiva ecológica da educação). Para esse autor, a escola tradicional, na sua organização espaço-temporal, ativa os comportamentos disruptivos, os conflitos eu outro, o egocentrismo, o insucesso escolar, etc. Destarte, Fonseca (1996), descreve a Educação Psicomotora como,

(...) a primeira necessidade seria, portanto: alfabetizar a linguagem do corpo e só então caminhar para as aprendizagens triviais que não são mais que investimentos perceptivo-motor ligados por coordenadas espaços-temporais e correlacionadas por melodias rítmicas de integração e resposta. É com o movimento que a criança interage com seu corpo determina a sua lateralidade. O desenvolvimento psicomotor da criança compreende componentes fundamentais ao seu desenvolvimento como: esquema corporal, equilíbrio, coordenação, estruturação espacial, temporal e lateralidade. (FONSECA 1996, p.142)

Nota-se que, de acordo com o exposto são viáveis e se faz necessário método e formas mais direcionadas ao público do ensino fundamental I e II na faixa etária de 6 a 15 anos. Tanto os educandos pequenos ou não, devem seguir o mesmo preceito educacional, mas respeitadas as devidas diferenças de ambos, sabemos que, todos são educandos em formação e terão garantias diferenciadas quanto ao acesso à esta aprendizagem, mesmo que indisciplinados. O presente artigo propõe uma reflexão sobre a indisciplina: um paradigma na vida escolar. Será abordada a indisciplina no contexto escolar, a indisciplina dos anos 60 e 70 e a questão dos limites em torno deste assunto, através da teoria de vários autores, que se preocupam com a educação, e compartilham suas ideias em Tese, Dissertações e livros. Sendo a indisciplina em sala de aula, um paradigma no processo de ensino aprendizagem. Entretanto, é importante salientar que este quadro envolve diversos fatores tais como estudantes, professores, família, escola e sociedade. Como método de pesquisa foi utilizado abordagem qualitativa, e usa-se também a revisão literária de alguns relatos que foram publicados nas revistas, Dissertações e Anais, que trazem a partir das edições o caminho para uma reflexão sobre o tema.

Palavras-chave: Indisciplina. Vida Escolar. Paradigmas. Psicomotricidade.

INTRODUÇÃO

A Indisciplina é um paradigma na vida escolar, e faz parte do ensino em todos os ciclos, mas no ensino fundamental I e II a incidência de indisciplina atua como forma didática, e é um recurso a mais, que os estudantes usam na vida escolar, pois os distanciam do ato de aprender, e está mesma indisciplina não permite que o professor possa retransmitir conhecimentos. Pois a cada momento que se perde em pensar onde e quando devemos quebrar este paradigma, outros ficam cerceados de formação e aprendizado. Entretanto, apesar dos paradigmas enfrentados por todos e independente das formas que se ensinam todos não são iguais e cada um aprende à sua maneira e a seu tempo, uma vez que o ensino é plural e os alunos não são homogêneos. Nota-se que, de acordo com o exposto são viáveis e se faz necessários métodos e formas mais direcionadas ao público do ensino fundamental I e II na faixa etária de 6 a 15 anos. Tanto os educandos pequenos ou não, devem seguir o mesmo preceito educacional, mas respeitadas as devidas diferenças de ambos, sabemos que, todos são educandos em formação e terão garantias diferenciadas quanto ao acesso à esta aprendizagem, mesmo que indisciplinados.

O presente artigo propõe uma reflexão sobre a psicomotricidade indisciplina e seus paradigmas na vida escolar. Será abordada a indisciplina como o tema central e no contexto escolar, a psicomotricidade. Todavia, a indisciplina nos anos 60 e 70 e a questão limites em torno deste assunto, através da teoria de vários autores, que se preocupam com a educação, e compartilham suas ideias em Tese, Dissertações e livros. Sendo a indisciplina em sala de aula, um paradigma no processo de ensino aprendizagem. Entretanto, é importante salientar que este quadro envolve diversos fatores tais como estudantes, professores, família, escola e sociedade. Como método de pesquisa foi utilizado abordagem qualitativa, e usa-se também a revisão literária de alguns relatos que foram publicados nas revistas, Dissertações e Anais, que trazem a partir das edições o caminho para uma reflexão sobre o tema, buscamos ainda informações de dados secundários obtidos dos institutos como:
LDB, MEC, que permitiram a realização de algumas das análises aqui apresentadas. No entanto, quando se fala em indisciplina, num primeiro momento nos parece coisa fácil, mas ao passo que fomos nós aprofundando no assunto em questão percebemos o quão complexa é, e necessita de ser visto e revisto. Porque está in loco no cotidiano escolar, comprometendo a qualidade e efetivação da prática pedagógica em sala. O paradigma aqui é, e deve ser quebrado no âmbito escolar, e sabemos que, há uma relação entre indisciplina e a temática psicomotora, como se a primeira fosse geradora da segunda. Entretanto, nós devemos entender que quando se fala não há existência de fatores diversos e alheios ao nosso alcance, como os distúrbios psicomotores, pois este reflete na indisciplina, onde é gerada uma instabilidade emocional. E, o pensar neste tema, nos direciona a um que seja melhor e contemple o universo de escolas sem traumas, e que todos os atores, estejam envolvidos também nesta análise de quem, e como as crianças são vistas nas Instituições de Educação, e também nas suas famílias e na sociedade. Entretanto, e corroborando na mesma linha de pensamento, segundo Kramer (2003, p. 15), ao se propor a desenvolver um currículo, fazse necessário levar em conta o contexto de vida das crianças, suas características específicas, assim como a dos profissionais e das instituições de educacionais. Para isso requer,

[...] reconhecer que as crianças são diferentes e tem especificidades, não só por pertencerem as classes diversas ou por estarem em momentos diversos em termos de desenvolvimento psicológico. Também os hábitos, costumes e valores presentes na sua família e na localidade mais próxima interferem na sua percepção do mundo e na sua inserção. E, ainda, também os hábitos, valores e costumes dos profissionais que com elas convivem no contexto escolar (professores, serventes, supervisores etc.) precisam ser considerados e discutidos. (KRAMER, 2003, p. 22).

A indisciplina nas escolas, muitas vezes, acontece através de expressões verbais e físicas entre os alunos, e destes para com os professores e funcionários, gerando um clima de medo e insegurança nas instituições, que vai além-intramuros. Contudo, até que ponto, nós professores, refletimos sobre nossas ações, sejam elas, cotidianas na escola, nas nossas práticas em sala, na linguagem que utilizamos, enfim, sobre aquilo que pré-julgamos e que muitas vezes, o nosso discurso expressa aquilo que entendemos como adequado em educação.

Todavia, nossas práticas, imbuídas de concepções, representações e sentidos, ou seja, repletas de ações que fazem parte de nossa cultura, de nossas crenças, expressam entre si, e demonstram de que, até certo ponto, a nossa visão de mundo, está intrinsecamente relacionada à ação professor-aluno, e faz com estas ações gerem reflexos de nossa cultura, de nossas práticas já vivenciadas, e que ainda nos impregna com a lógica, a seleção e percepção desta ou aquela criança. Destarte, é preciso criar um espaço no qual os protagonistas discutam esta relação pedagógica e elabore suas dificuldades ao lidar com a indisciplina. Isso abrange tanto as instituições educacionais públicas ou privadas. A indisciplina vivenciada nas escolas causa danos a todos, e como já citado, a indisciplina atua como forma didática, e é um recurso a mais, que os estudantes usam na vida escolar, pois os distanciam do ato de aprender, e é vista como uma forma de resistência à dominação pretendida por algumas instituições de ensino e seus representantes.

Mas, quando adotamos nossos valores e os colocamos a prova, aí nos tornarmos reféns da pressão social e de nossos próprios pré-conceitos que só emergem em situações de interação social (DA COSTA, 2019, p.17).

É evidente que está problemática acarreta danos aos educandos, no seu aprendizado, desempenho e relações sociais, mas se partirmos sobre um prisma da insegurança e medo, os professores acabam sendo obrigados a adotar práticas um tanto repressivas, primitivas e até arcaicas, que utilizadas num passado distante. Observa-se um retorno do castigo verbal ou físico, das sanções morais, soluções imediatas ou espontaneístas que evidenciam um disfarce de uma postura democrática e retrógrada, revelando por parte de alguns, uma atitude desesperada diante do assunto.
A solução da questão da violência na vida, e não só nas escolas, reside em uma única coisa: no conhecimento, na possibilidade de as pessoas terem uma vida mediada pela experiência de nossos antepassados - e isso se chama conhecimento (AQUINO, 2005, p.181).

Ao falarmos de indisciplina, não se pode pensar apenas sobre a violência dentro da escola, LA TAILLE (1996) afirma que para o psicólogo, a escola deve investir em formação ética no convívio entre alunos, professores e funcionários para vencer a indisciplina. Agressões, humilhação, ausência de limites. Nove em cada dez educadores reclamam que as salas de aula estão cada vez mais incivilizadas e que é preciso dar um basta. Para resolver o problema, nove entre dez escolas recorrem a regras de controle e punição. "É legitimo, mas é pouco. É preciso criar uma lei para coibir algo que o bom senso por si só deveria banir?", questiona Yves de La Taille defende que a escola ajude a formar pessoas capazes de resolver conflitos coletivamente, pautados pelo respeito a princípios discutidos pela comunidade. O caminho para chegar lá passa pela formação ética, não necessariamente como conteúdo didático, mas principalmente no convívio diário dentro da instituição. Os educadores conhecem o assunto e tem estratégias de ensino para reverter ou amenizar? Geralmente os docentes falam de determinados alunos todos os anos, considerados indisciplinados, ou seja, o aluno problema.

Porém, uma afirmação de um docente para com seu aluno dizendo que ele é indisciplinado, muitas vezes é contraditório, o que é considerado indisciplina, muitas vezes é somente excesso de vitalidade. Neste sentido, a indisciplina não estaria no aluno, sendo na realidade um sintoma de uma escola incapaz de agir e conhecer seu interior e o perfil de sua clientela. O papel do professor, como coordenador do processo ensino aprendizagem deve usar uma autoridade democrática, com estímulos e desafios para que ocorra um processo de aprendizagem significativa. O docente deve ter também objetivo e estratégias de avaliação em relação à disciplina, pois se ela for imposta autoritariamente, ela não será aceita pelos alunos. Muitas vezes eles entram em sala de aula desmotivados e o rendimento se vê comprometido com tais atitudes. Nesse tipo de atitude descomprometida do professor em relação a seus alunos evidenciamos outro sentido à indisciplina, identificada como uma "atitude indisciplinada na postura do professor". Para Novais (2004), a autoridade terá função vital na questão disciplinar, quando houver uma interação entre os indivíduos na sala e estes possam construir um conceito de disciplina que não seja imposto por leis arbitrárias, mas construído por meio da negociação de regras claras e justas. Este conceito levará os alunos a desenvolverem autonomia e percepção crítica da realidade. Uma participação ativa na sociedade pressupõe uma conscientização dos educandos quanto aos seus deveres na sociedade. Assim, a educação também tem o objetivo de desenvolver no indivíduo o interesse na vida coletiva para assumir o compromisso de buscar ações que favoreçam o desenvolvimento da capacidade crítica de julgamento. Há algumas décadas, a indisciplina era observada como produto exclusivo das relações entre educandos e educadores. Hoje tem outra visão: aquela que engloba não somente a responsabilidade da comunidade escolar, mas a sociedade em geral. Esse primeiro entendimento, da questão disciplinar precisa ser repensado urgentemente. E a primeira coisa a admitir é que essa escola de antigamente talvez não fosse tão "de excelência" quanto gostamos de pensar hoje em dia. Muitas vezes, é muito fácil termos certos saudosismos, idealizando o passado e cultivando lembranças de alguns fatos que não aconteceram ou que não se desenrolaram exatamente do modo com que nos recordamos deles. Portanto, se recuperarmos o modelo dessa escola do passado para tentar resolver os problemas pedagógicos atuais, precisou recuperar também o contexto histórico da época. Não é possível trazer de volta aquela escola sem o entorno sociopolítico de então. É muito comum lembrarmos da escola de nossa infância com admiração, nostalgia. Na verdade, essa escola anterior aos anos 70 era uma escola para poucos, muito poucos. Uma escola elitista, portanto. Exclusão, pois, é um processo que já estava lá, nessa escola de antigamente, hoje tão idealizada. Eram elas escolas militares ou religiosas, e algumas poucas leigas, que atendiam uma parcela muito reduzida da população. Quanto mais recuarmos no tempo, mais; Veremos como a escola sempre foi um artigo precioso, difícil de encontrar no varejo social. Todos se lembram, ou pelo menos já ouviram falar, dos exames de admissão e, portanto, dos níveis "primários" e "ginasiais". Pois é, esse é um bom exemplo de como essas tais escolas de excelência do passado eram fundamentalmente segregacionistas e elitistas, atendendo uma parcela pequena e já privilegiada da população. O exame de admissão representava o que hoje conhecemos como o vestibular para as universidades públicas, já na passagem do primário para o ginásio.

Inclusive, vale lembrar que a partir do início dos anos 70 o primário e o ginasial deixaram de existir, dando lugar ao "primeiro grau" (e mais recentemente ao "ensino fundamental"), agora com oito anos consecutivos. A família é atingida diretamente por um modelo de sociedade existente, que para sobreviver é obrigada a renunciar a elementos fundamentais ao seu equilíbrio. Os reflexos desse modelo social são visivelmente percebidos no âmbito escolar. Falam-se muito nos fatores que causam a indisciplina: sociedade, família, escola, professor e aluno, porém, eles não devem ser pensados isoladamente, pois estão completamente ligados, começando pela sociedade e terminando na escola. No entanto, analisa-se o qual importante para a formação e o processo de ensino aprendizagem, que a indisciplina não represente mais um grande desafio para os educadores, tanto na rede pública, como na rede privada. Porque este é um aspecto polêmico tendo em vista a existência de várias opiniões sobre o assunto. Devido a constância com que o tema é ouvido, presenciado e ou vivenciado, percebe-se que esta questão tem ganhado cada vez mais espaço no cotidiano escolar. Ostentando uma série de problemas na relação professor aluno/aluno-professor, no processo de aprendizagem e na eficácia do trabalho pedagógico. De acordo com a definição encontrada em um dicionário (minidicionário da língua portuguesa), a palavra indisciplina pode ser entendida como o ato ou procedimento contrário ao regimento da ordem consentida; E segundo este mesmo dicionário, a definição da palavra paradigma pode ser entendida como modelo ou padrão a seguir; E a palavra disciplina como a ordem que convém ao bom funcionamento de uma organização. Segundo Aquino (1998), em seu artigo "versão ampliada do vídeo palestra" a indisciplina é a escola atual, e uma preocupação de todos os profissionais da educação, por gerar insatisfação e incomodo por parte dos mesmos, implicando diretamente no ensino-aprendizagem,

"Poder-se-ia dizer que há uma espécie de mal-estar, pairando sobre a escola e o trabalho do professor hoje em dia" (AQUINO, 1998, p.182).

A disciplina pode ser concebida como uma técnica de exercício do poder, não inteiramente inventada, mas elaborada em seus princípios fundamentais durante o século XVII. É neste sentido que se fala da indisciplina como o não cumprimento das regras estabelecidas. É também vista como um controle do indivíduo no tempo. No entanto, aplicar este tipo de educação é perigoso. É frequente a afirmação por parte dos professores, que os alunos de hoje são indisciplinados, evocando um saudosismo de uma suposta educação de antigamente, que estabelecia parâmetros rígidos para o uso do corpo e da mente. Na literatura, verifica-se que o estudo do comportamento indisciplinado aparece com mais frequência nas décadas de 60 e 70. As causas são atribuídas ao aspecto afetivo como decorrência da vivência dos alunos em condições econômico-sociais pouco favoráveis, ressurgindo com menor intensidade no final da década de 90, ainda situando a origem dos problemas disciplinares em fatores psicológicos, mas agora passando a analisar os comportamentos dos alunos tendo como referência o estágio de desenvolvimento cognitivo-moral no qual se encontram (FERRAZ, 1997) de acordo com a teoria de Jean Piaget. Segundo Aquino (1998),

Então, deve-se refletir: Como eram tratados os comportamentos indisciplinados nesta época? Que papéis exerciam os profissionais da escola? É adequado afirmar que os problemas de indisciplina são contemporâneos, varia de acordo com a época em que vivemos? "A indisciplina escolar não é um fenômeno estático, mas mudou suas características ao longo das últimas décadas, mostrando diferenças daquela observada no passado. Atualmente a indisciplina escolar apresenta expressões diferentes, é mais complexa e criativa, e parece ao professor mais difícil de equacionar". (AQUINO 1998, p. 03)

Nestas décadas, sabe-se que o comportamento esperado dos alunos, eram que fossem crianças completamente obedientes às regras, sejam elas quais forem cumpridoras de suas obrigações impostas pelos professores, diretores etc. O professor "despejava" a matéria e suas ordens de como deveriam se comportar, e o diretor, daria total apoio as ações dos professores, escolhendo os castigos que seriam destinados a esses alunos indisciplinados. Havia uma autoridade imposta, centralizada e nunca construída. Uma excelência na indisciplina era algo que deveria ser cultivado na década de 70, e os profissionais da escola eram os responsáveis para fazer cumprir todas as regras impostas, com apoio total dos pais, que viam na escola, o único lugar para se construir um caráter "direito" para seus filhos, ignorando a questão que a educação deve estar presente em todo o âmbito que o aluno vive, e todos, pais, escola, comunidade, etc., deve participar da socialização destes alunos. Abaixo se encontra o relato de uma pesquisa feita pela Revista Eletrônica de Ciências e Educação[2], onde uma diretora de uma escola, que será denominada X, apresenta suas ordens aos alunos:

"A senhora diretora levou ao conhecimento dos senhores professores os seguintes assuntos: 1º Todos os alunos devem vir uniformizados de acordo com o novo uniforme exigido. 2º os alunos que não vierem uniformizados, não assistirão às aulas do dia. 3º Os alunos que não assistirem às aulas de educação física não poderão assistir às outras aulas. 4º As carteiras nas salas de aula deverão ser numeradas, e os alunos deverão sentar-se nas carteiras definidas pelo professor".

O diretor recebe o papel de "ditador" das regras, e os professores são como um exemplo de conduta social, ele deve se comportar de maneira exemplar, com virtudes incontestáveis, para poderem ser seguidos pela sociedade. Outra abordagem presente na década de 60 e 70, que a origem do comportamento disciplinado no confronto existente entre o indivíduo e o autoconceito gerado a partir das relações sociais. Ou seja, o indivíduo pauta suas ações, censura seus atos, baseado no sentimento de vergonha do olhar alheio (LA TAILLE, 1996). Os estudos apresentam em comum uma constatação de que os alunos vindos de meios sociais economicamente pouco privilégios, cujos pais não são capazes de fornece-lhes atenção e orientação em quantidade e qualidades, padecem de uma " carência afetiva" generalizada (BARRETO, 1981; MELLO, 1981; RAMOS, 1960; TAYLOR, 1978). É comum, neste período, que a causa da indisciplina seja atribuída unicamente ao aluno. Constata-se que nesta época o respeito e a disciplina eram obtidos através do medo, onde tratava os comportamentos indisciplinados de maneira punitiva, uma disciplina feita a partir de imposições da equipe pedagógica que rodeavam o aluno.

A sociedade mudou e aquela visão que antes a escola funcionava e os alunos respeitavam mais seus professores, hoje é vista por pedagogos e profissionais da educação simplesmente como uma época de "ditadura", pois antes estes alunos indisciplinados eram expulsos da escola e assim, acabavam os problemas; hoje eles são trabalhados, juntamente com os pais, proporcionando a este aluno chances de melhor se inserir na sociedade e ter uma formação adequada. Muito se poderia colocar acerca das supostas causas da indisciplina, teorizar a respeito do ser humano enquanto ser social, do papel da família e da escola na sociedade. No entanto, o que mais necessitamos na atualidade é de medidas práticas que possam auxiliar os professores e a direção da escola a lidar com tal problema. Diante dos alunos carentes de orientações para a convivência, temos professores desorientados. O pedagogo é um técnico em métodos e processos didáticos, sem formação em gerenciamento de conflitos, psicologia das relações ou desenvolvimento da moral da criança. Então, o papel do professor exige competências. A professora deve realizar seu planejamento, ser pontual e pesquisadora e seu modo de ser já é uma mensagem: Exijo respeito. Desde o início do ano ela deve estabelecer acordos, e quebrar paradigmas com os alunos, incluindo-os em processos educativos e nas responsabilidades que exigirá. Uma vez criado o acordo, a professora poderá retomá-lo, avaliá-lo e dar novos rumos à sala de aula. Segundo Da Costa (2019, p. 13)

"Quando se compreende o todo o discurso tem significado para quem ensina e para quem aprende, pois ser cidadão é mais do que é exercer a cidadania, envolve direitos humanos, políticos, sociais e civis".

Cabe então, a cada professor dar sentidos aos conteúdos, significando os mesmos na vida do aluno. Seminários, debates e projetos científicos são metodologias imprescindíveis. Quanto à amizade entre professores e alunos, pensa-se no valor da afetividade. Quanto mais afetividade ocorrer na prática educativa, mais respeito será adquirido. Hoje se fala muito dos limites na questão da indisciplina. Sabe-se que para viver em sociedade é necessário haver limites. No dia-a-dia, é impossível que a criança tenha liberdade total, ilimitada. Considera-se que permitir nada ou, no extremo oposto, permitir tudo, são hábitos igualmente nocivos do ponto de vista educacional. É fundamental que a criança saiba o que pode e o que não pode ser feito (Tiba, 1996). As crianças, por serem heterônomas, precisam de regras vindas de seus educadores, que não podem se esquivar da tarefa de colocar os limites necessários para que elas se desenvolvam bem e consigam se situar no mundo. É importante não ver esses limites como algo "que não pode ser feito", mas serem interpretados; Com um sentido positivo, que situa o indivíduo em suas relações sociais, que o auxilia na tomada de consciência "de qual a sua posição" ocupada na família, na escola, enfim, na sociedade, conforme afirmá-la La Taille (1994). Para estabelecer os limites em sala de aula (ou na escola), o educador vale-se das regras, que visam contribuir para a organização do ambiente de trabalho, promover a justiça, fomentar a responsabilidade por aquilo que ocorre na classe e o comprometimento de todos com os procedimentos e decisões referentes à sala de aula.

Devires e Zana (1997), explicam que “o objetivo geral de envolver as crianças em tomadas de decisões e estabelecimento de regras em suas salas de aula é contribuir para uma atmosfera de respeito mútuo na quais professores e alunos praticam a regulação e a cooperação”. (p.130). Em geral, as regras são acordos elaborados pelos integrantes do grupo que beneficiam a todos, ordenando as relações. Esses acordos não são rígidos, estáticos ou pré-estabelecidos, nem privilegiam alguns em detrimento de outros. Com o passar do tempo, se for constatado que algumas regras não estão “dando certo”, ou quando uma das partes se sente prejudicada, o acordo anterior é novamente analisado, revisto e, se necessário, é reelaborado (ou combinam-se essa flexibilidade; a adequação às necessidades particulares de cada grupo). A participação ativa dos integrantes do mesmo na sua elaboração; a regularidade; e o seu cumprimento por parte de todos que o integram, são alguns dos princípios que regem as regras. As regras, em qualquer situação, têm que preservar e propiciar ao sujeito o respeito por si próprio e pelo outro. O professor precisa compreender que as regras devem auxiliar na construção de um lugar feliz, portanto, não deve elaborar normas desnecessárias (supérfluas) ou descabidas. Questionar-se também sobre a coerência das normas, se elas são justas e necessárias, se podem ser negociadas, se foram elaboradas de forma democrática, se fundamentam em princípios, e se respeitam as características do desenvolvimento. Para estabelecer os limites em sala de aula (ou na escola), o educador vale-se das regras, que visam contribuir para a organização do ambiente de trabalho, promover a justiça, fomentar a responsabilidade por aquilo que ocorre na classe e o; Comprometimento de todos com os procedimentos e decisões referentes à sala de aula. A indisciplina na sala de aula vem sendo apontada por todos os educadores como o mal dessa geração, onde a comunicação entre educador e educando é cada vez mais difícil, e assim, acaba atrapalhando o desenvolvimento do trabalho pedagógico. Além de dificultar as propostas em sala de aula, o educador sente esse aspecto da indisciplina como um bloqueio para a relação professor/aluno.

“A própria imagem social da escola parece estar em cheque de tal maneira que os profissionais da área acabam acometidos, por exemplo, de uma espécie de falta aguda de credibilidade profissional”. (AQUINO, 1998, p.182).

A falta de estímulo próprio do profissional da educação está subsidiada pela indisciplina, que desencoraja o educador a desenvolver seu trabalho com eficácia. Preocupam-se em desconstruir as explicações mais comuns sobre as causas da indisciplina através: da estruturação escolar no passado, problemas sociais e psicológicos, a indulgência da família, o desinteresse pela escola, o apelo de outros meios de informação etc. Segundo AQUINO (1996):

As análises feitas por psicólogos, filósofos, sociólogos e pedagogos, apontam várias causas para a indisciplina em sala de aula: professores sem cunho pedagógico para desenvolver seu trabalho, profissionais que não acreditam mais na educação escolar, alunos sem limites, falta de regras e de educação, a política, a economia, a família, a mídia, etc.

Observa-se que a sala de aula virou um campo de batalha, professores de um lado tentando dar aula, e alunos de outros não permitindo que isso aconteça.

Por fim, justificam algumas propostas pedagógicas mais autônomas da especificidade do trabalho escolar, com alguns regimentos éticos de convivência em sala de aula, de tal sorte que se possa observar, um novo olhar sobre comportamentos indisciplinados. Entendemos que o educador tem autonomia para desenvolver seu trabalho, limitando regras e normas de convivência, a fim de garantir o avanço no processo de ensino. No passado, para Aquino (1996), as correções disciplinares eram feitas através do domínio e ordenação do corpo e da fala: silêncio absoluto, alunos sentados na sala, castigos, ameaças, enfim, diversos constrangimentos. Há exceções, mas este tipo de comportamento não deveria mais ocorrer. Hoje, o diálogo é maior, delimita-se regras e acordos junto com os educandos, com o objetivo de ter melhores regras e normas de convivência. Dessa forma entende-se que a disciplina também está ligada a prática de ensino, ou seja, docente que precisa rever sua concepção pedagógica de como se ensina, o que se ensina e para que se ensina. Os educadores têm, infelizmente, o hábito de tratar o educando como se fossem todos iguais, alguns até desejando que assim o fossem. É certo que a disciplina em sala de aula, de acordo com LA TAILLE (1996), não deve ser entendida apenas como falha do professor, afinal para além das questões pedagógicas, considera-se o lugar que hoje a escola, as crianças, os jovens, e a moral ocupam na sociedade. Apontar culpados, reprimir o aluno indisciplinado fazendo-os passar vergonha por suas atitudes não são formas de solucionar o problema. Muitas vezes a indisciplina em sala de aula, deve servir como um alerta para o professor, pois o aluno pode estar sinalizando para questões pontuais como, por exemplo, uma aula mal planejada, ou para o fato dele não ter claro o significado da escola. Aquino (1998) menciona uma fórmula pedagógica “ensina-se algo, de alguma forma, a alguém específico. Segundo esse autor, não se trata de mudar, pois a Psicologia o ato educativo e sim compreender que “a dimensão dos conteúdos se refere a ‘o que se ensina’, a dimensão dos métodos ao ‘como se ensina’ e a dimensão ética ‘para que se ensine’”. Uma investigação realizada por FARBER (1984), em que participaram 398 professores, permitiu verificar que o stress dos docentes estava associado à instituição no relacionamento com os alunos. Posteriormente, num trabalho de GOLD (1985) verificou-se que os professores que não tinham uma percepção e analise mais apurada, ou seja, dificuldade em controlar os alunos apresentavam maior grau de stress, exaustão, despersonalização e menos sentido de realização pessoal. Ao longo dos últimos anos diversos fatores contribuíram para profundas mudanças na imagem do professor. Estas mudanças aumentaram o desenvolvimento de novos hábitos nos alunos, modificando a visão da figura do professor, alterando as suas noções de disciplina e responsabilidade.

REFERENCIAL TEÓRICO

Fundamento minhas conclusões sob a luz de contribuições advindas das revisões literárias de produções dos autores que norteiam a temática, tais como os Referenciais Curriculares e outros documentos oficiais. Entretanto, ao iniciar meus estudos sobre a indisciplina: um paradigma na vida escolar, objetivei a compreensão do fenômeno para assim encontrar o melhor caminho para uma possível resolução.

Foram citadas várias sugestões sobre como o professor pode colaborar para o enfrentamento do problema, como melhoria das aulas tornando-as mais motivadoras, a parceria entre professores, família e equipe de direção da escola, conversa amigável com a criança na tentativa de se conhecer a origem do problema. As docentes acreditam que o psicólogo poderia colaborar para o enfrentamento da indisciplina, oferecendo um atendimento direto às crianças com problemas disciplinares, bem como desenvolver trabalhos com a família das mesmas. Minhas concepções iniciais sobre indisciplina assim como suas possíveis causas e implicações foram afirmadas, ampliadas e mais bem dirigidas a partir do estudo bibliográfico. Como já descrevi inicialmente a indisciplina vivenciada nas escolas causa dano a todos, e como já citado, a indisciplina atua como forma didática, e é um recurso a mais, que os estudantes usam na vida escolar, pois os distanciam do ato de aprender, e é vista como uma forma de resistência à dominação pretendida por algumas instituições de ensino e seus representantes, a indisciplina não apresenta causa única e nem se mostra somente na sala de aula e por parte dos alunos. A realidade é que vivenciamos uma crise de indisciplina social. A própria forma com que os professores lidam com o problema também é afetada pela indisciplina. Ou seja, tenta-se banir a indisciplina dos educandos com atos e expressões em si a própria indisciplina. Para basear minhas reflexões e caminhar minha pesquisa, parti da ideia de que não há "receita mágica", "infalível", nem fórmulas de efeito imediato para resolver tal situação, afinal ela tem muitas fontes e causas. É certo e necessário que todas as ações escolares estejam ligadas ao Projeto Político Pedagógico, para que tenha sentido e alcance de seus objetivos. Assim, não seria diferente com as ações de intervenção e prevenção da indisciplina nesse espaço de construção e constituição do sujeito. Os problemas não têm culpados, existem casos e causas diferentes que levam a indisciplina escolar. Os alunos segundo os professores resistem de muitas formas, prejudicando o bom desempenho dentro da sala de aula, desde as situações mais simples e contornáveis, até as situações mais perigosas. Prejudicando as relações interpessoais, desvalorizando os conceitos de cooperação e união. A indisciplina é resultante de uma constante falta de sentido em tudo. Por isso, restabelecer o sentido de conquista e disciplina a partir de um processo reflexivo e contínuo entre os professores permitirão encontrar novos caminhos onde a indisciplina dará lugar a um espaço participativo de diálogo e produção do conhecimento, e desta forma, realçaremos o verdadeiro papel e sentido da escola. A indisciplina deve ser tomada como um fenômeno que envolve professor, aluno e escola, sendo então necessária ser repensada a relação professor-aluno, considerando-a como o núcleo do trabalho pedagógico. Acredito que se atuarmos na melhoria da qualidade desta, colaboraremos para o estabelecer novas estratégias para o convívio, bem como para a instauração de uma conduta mais democrática por parte de professores e alunos. . O professor não deve negar-se de seu poder de participação no processo de humanização dos alunos, pois ele é sujeito de transformação e precisa começar a lutar partindo daquilo que está ao seu alcance e concretude e não partir do que está além de suas possibilidades, e assim, acabar neutralizando sua função e potencial para a mudança. Em meio a tanta pressão, cobrança, e constantes fracassos, o professor acaba por sentir-se culpado diante da realidade. Sacristán (2000) considera que o currículo realizado por meio de uma prática pedagógica, é o resultado de,

> [...] uma série de influências convergentes e sucessivas, coerentes ou contraditórias, adquirindo, dessa forma, a característica de um objeto preparado num processo complexo, que se transforma e constrói no mesmo. Por isso, exige ser analisado não como um objeto estático, mas como a expressão de um equilíbrio entre múltiplos compromissos.
> (SACRISTÁN, 2000, p. 102).

Todavia, analiso que, as famílias não têm cumprido com seu papel, e o fato é que esse descumprimento de sua função básica civilizatória tem desencadeado numa multiplicidade de novas famílias descompromissadas com a formação cidadã de seus filhos. Primeiramente, é preciso esclarecer que essa situação não vem por mero acaso ou da pura falta de compromisso familiar. Essa instituição está à mercê de outras instituições, interesses sociais e sobre pressão que a desestabiliza. De nada adianta atribuir toda responsabilidade à família, a instituição ou pessoa também responsável pelo desenvolvimento cidadão da criança, esquivando-se ou negando sua capacidade e responsabilidade nesse processo. É preciso delimitar funções, atuar no limite das possibilidades, unir forças com aqueles que estão na mesma busca. Não podemos permitir que essa problemática continuasse inviabilizando a relação ensino-aprendizagem que se estabelece entre professor e aluno. Nesse sentido, torna-se fundamental uma posição dos educadores a respeito de quais alunos querem formar e uma postura consciente por parte dos professores acerca da visão que tem da situação pedagógica. É necessário nos preocuparmos com a responsabilidade que temos e para isso precisamos eliminar aquilo que ata nossas possibilidades de ação: a procura de culpados. Segundo Vasconcellos (1997):

> A culpa por ser de "fora para dentro", leva ao julgamento e a atitude de defesa, de transferência, de procurar jogar novamente para fora, buscando outro culpado; A preocupação acaba ficando em achar o culpado e não resolver o problema. A responsabilidade, por ser algo mais de "dentro para fora" chama para a ação, para o compromisso para a superação (VASCONCELLOS, 1997, p. 241.).

Sugiro que seja realizado um planejamento conjunto com a comunidade escolar das ações a serem implantadas nesta que visem fortalecer o respeito mútuo, valorizar a diversidade de interesses pessoais dentro das escolas, tendo esta que favorecer a formação de seres capazes de atuar com liberdade, justiça, respeito a si mesmo e à sociedade.

MÉTODO

Foi utilizada abordagem qualitativa, e também a revisão literária de alguns relatos que foram publicados nas revistas, Dissertações e Anais, que trazem a partir das edições o caminho para uma reflexão sobre o tema, além da busca por informações a dados secundários obtidos dos institutos como: LDB, MEC, que permitiram a realização de algumas das análises aqui apresentadas a fim de corroborar com o meu artigo.

DISCUSSÕES

A Investigação sobre os problemas de comportamento em sala de aula tem vindo a alargar o enfoque das explicações, centradas inicialmente no aluno perturbador, fonte de comportamentos perturbadores, para equacionar estes problemas em termos dinâmicos. Dinâmicas relacionais e relações pedagógicas. As abordagens tradicionais de problemas de comportamento tendem a isolar o aluno perturbador e posteriormente procurar uma explicação global e enquadrada em termos de problemas emocionais, problemas de personalidade. O que interessa em termos de prática educativa, é a forma de disciplina que melhor se adequar ao aluno, preparando-o para diferentes tipos de liberdade. Esta liberdade, na educação não é mais do que um misto de liberdade e restrição, pois não se pode conseguir uma sem a outra. Na sala de aula existe um sistema de regras determinadas por cada professor, e o comportamento das crianças, muitas vezes, pode mudar de um professor para outro.

Qualquer que seja o problema a enfrentar, o cerne reside em uma desadaptação ao meio, por parte dos alunos, por falta da escola, pela inabilidade dos professores. ESTRELA (1994).

Cabe a nós, entretanto reconhecer que o papel dos professores e educadores é e sempre será fundamental, pois este o professor, é um facilitador na construção, e na mediação do conhecimento. E, Da Costa (2019), descreve,

A educação e a formação fazem parte da sociedade e do próprio convívio social. Educação e formação são diferenciais, pois nos capacitam a aprender, aprimorar-se e transmitir conhecimentos a outras gerações.

(DA COSTA 2019, p.191)

Entretanto, os antes coadjuvantes, agora devem, e serão protagonistas, pois ao buscarmos estratégias, nós refletiremos sobre inúmeras, e constantes perguntas, considerando assim os conhecimentos prévios. No entanto, diante do tema que será trabalhado, servir-se de diferentes táticas na buscar de informações para responder questões próprias, coletar dados em diferentes fontes inclusive pessoas adultas da família ou comunidade com mais experiência de vida, leitura de diversos tipos de imagens, (mapas, fotografias, pinturas, etc.), objetos, livros, enciclopédias, revistas entre outros, pesquisa em ambiente natural (parques, lagoas, reservas florestais), pontos comerciais próximos a instituição e até mesmo, ao redor da própria escola. (Brasil, MEC/SEF, 1998, Vol. 3, pp.195-196). Com tantas atividades possíveis é relevante comentar sobre a importância dos registros das práticas pedagógicas. E, segundo o MEC são "construídos, gradativamente, na medida em que as crianças desenvolvem atitudes de curiosidade, de crítica, de refutação e de reformulação de explicações para a pluralidade e diversidade de fenômenos e acontecimentos do mundo social e natural". (Brasil, MEC/SEF, 1998, Vol. 3 p.161) Para tanto, podemos dizer que, a escola, e a família são sistemas tradicionais que têm estado bastante afastados, apesar de possuírem frequentes relações e interações entre si, seja em nível institucional (associação de pais, conselho escolar, etc.) ou em nível individual (relação família/professor).

A escola, como um sistema aberto deve compartilhar funções que se inter-relacionam com outros sistemas que integram todo o contexto social, torna-se uma instituição que recebe exigências de outras instituições e na qual convivem com formas diversas de agir, muitas vezes desordenadas e frequentemente contraditórias. Também os pais, com diferentes condições socioculturais, costumam esperar da escola diversos desafios educativos e, até mesmo, que a escola assuma ações que seriam próprias da família, e não apenas um registro lógico e sequencial das atividades, mas também fazendo apontamentos dos conhecimentos que as crianças trazem, ou seja, confeccionado com a participação delas: desenhos, colagem, escrita de verbetes e símbolos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar os relatos, percebo, e ressalto que hoje, realmente os problemas da indisciplina estão sendo muito atribuída à família, devido a sua desestruturação, desorientação, perda de valores em relação à escola, é muito comum também, os pais ou responsáveis "jogarem" todas as responsabilidades em cima da escola. Sendo que, é em casa que começa o processo de educação e desenvolvimento social da criança, falta impor limites. Porém a família não está do jeito que está, porque quer, é aí que entra a questão da sociedade, pois está aparentemente sem intenção, coloca uma linha tênue entre o quanto a escola é importante, e a importância que a família tem, na vida dos alunos. Entretanto, ambos não se definem de que lados estão, e qual tipo de escola deseja no que se refere aos aspectos, metodológicos e regras disciplinares. Por outro lado, a escola também precisa conhecer quais os valores e expectativas dos pais, para que possa saber se as concepções favorecem o entendimento entre ambos, uma vez que a escola e família são duas instâncias nas quais os jovens e pais passam a maior parte de suas vidas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Anisai. Falta de limites gera Indisciplina. Revista Integração. Junho (2005). AQUINO, Júlio Groppa (Org.). Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus. Editorial 8º edição (1998), 9º edição (1996) e 14º edição (1996). A indisciplina e a escola atual. Revista da Faculdade de Educação. São Paulo, Vol.24, p.181-204, julho/dezembro. 1998. A violência escolar e a crise da autoridade docente. Campinas, dezembro 1998. Vol.19, p.07-19.

DA COSTA, Luiz Fernando. Políticas Públicas Educacionais: A Formação Cidadã do Educando Privado de Liberdade. 2019. 93 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) – Universidade de Mogi das Cruzes, Mogi das Cruzes, SP, 2019.

DA COSTA, Luiz Fernando. Realidade prisional e as leis que norteiam a formação escolar dentro do sistema, In: VI Seminário de Políticas Públicas: políticas públicas para cidadania: desafios para a cultura, formação humana e qualidade de vida – Anais, Mogi das Cruzes, SP: UMC, 2019.

DI SANTO, Joana Maria Rodrigues. Disciplina na escola: tarefa e construção desafiadoras (2007). DUARTE, Rosália. Entrevista em pesquisas qualitativas, Educar. Curitiba, nº24. P. 213-225, 2004, Editora UFPR.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1910-1989. O minidicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 5º edição (2001)s.
FRANCO, Francisco Carlos. A indisciplina na escola e a coordenação pedagógica. In: PLACCO, V.M.N.S. (org.) O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola. São Paulo. Edições Loyola. 5º edição (2008).
GUIMARAES, Áurea. Indisciplina e violência: ambiguidade dos conflitos na escola.
LA TAILLE, Yves de. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, Júlio Groppa (org.). Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus Editorial os. São Paulo, 8º edição.
Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB. nº. 9394/96, artigo 29, na seção II, Disponível em: http://www.educacaosaovicente.sp.gov.br/legislacao/legislacao.asp.
Acesso em: 22/01/2009
Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: 1998. Vol.1 _
_____ Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: 1998. Vol.2
_____ Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: 1998. Vol.3
REGO, T.C.R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva Vygotsky na. (1998) VASCONCELLOS, Celso dos Santos. (In) disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. Editora Libertada, 15º edição (2004).
SACRISTÁN, José Gimeno. O currículo: uma reflexão sobre a prática. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
WALLON, Henri. Psychologie et dialectique: Paris,Messidor,1973